



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O PROJETO POÉTICO DA COMPANHIA MODERNO DE DANÇA: PRIMEIROS COMPARTILHAMENTOS

Luiza Monteiro e Souza

O presente texto está filiado a pesquisa de doutorado na linha de pesquisa 1, Poéticas e processos de atuação em Artes, do curso de doutorado em Artes do programa de pós-graduação em Artes da UFPA (PPGARTES/ICA/UFPA. Neste texto, proponho compartilhar algumas reflexões acerca dos princípios constitutivos e moventes do projeto poético da Companhia Moderno de Dança – CMD, coletivo artístico em atuação há mais de 17 anos em Belém do Pará. No bojo desta proposição encontram-se o conceito de dança imanente (MENDES, 2010) e o de projeto poético (SALLES, 1998), a partir dos quais experimenta-se reconhecer, compreender e criar alguns dos princípios motrizes dos processos e poéticas desta companhia. Para a construção da escritura do trajeto poético da CMD a capacidade de criação operada pela memória dialoga com minha realidade vivida e imaginada enquanto artista pesquisadora implicada tanto nas experiências artísticas da companhia, quanto naquelas onde encontro licença apenas no ato de imaginar.

Um dos pontos de partida para o desenvolvimento da metodologia de escritura do projeto poético encontra conexões com a abordagem de Salles (1998). A partir da autora, tal conceito apresenta-se como uma pequena fagulha instauradora de reflexões, imersões e emersões teórico-reflexivas concernentes ao trajeto artístico da Companhia Moderno de Dança. Segundo Salles (1998, p. 130) “O projeto poético está [...] ligado a princípios éticos de seu criador: seu plano de valores e sua forma de representar o mundo. Pode-se falar de um projeto ético caminhando lado a lado, com o grande propósito estético do artista.”

Quando me deparei com esta abordagem, identifiquei em minhas necessidades de pesquisa o desejo de refletir sobre o projeto poético da CMD. Assim, muitas provocações foram surgindo: Qual o projeto poético do coletivo artístico Companhia Moderno de Dança? Qual seu nascedouro? Quais as suas referências? Quais as relações dos processos e poéticas da CMD com seu projeto poético?

Diante dos questionamentos supracitados, a metodologia desta escritura elenca série de princípios formativos do projeto poético da CMD, a partir dos quais compreende-se seu fazer em dança imanente (MENDES, 2010) desde sua fundação. Estes princípios não normatizam modos de fazer. Todos os aspectos levantados tomaram como referência a trajetória e produções do grupo por meio de meus atravessamentos como participante nas experiências



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

artísticas. A partir destas, abri espaço para criar uma rede de princípios formadores do projeto poético.

Utilizou-se como procedimento uma escrita inventiva que faz transbordar agenciamentos de vida a partir da memória desta pesquisadora nas relações com a instituição companhia; com os artistas criadores; com os processos e poéticas; além de leituras das obras bibliográficas já publicadas por este coletivo, na certeza de que os princípios levantados reúnem aspectos movediços, não hierárquicos, e que tomam meu ponto de vista particular, porém, engendrados num todo que está aqui, ali, acolá, no meio, que já fugiu, que não é mais, ou, que ainda é, mas de outra forma.

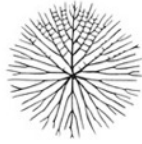
Reconhecer o projeto poético do artista requer íntima relação com coisas “ocultas” ligadas às suas próprias experiências estéticas enquanto indivíduo na sociedade e irrigadas como motrizes essenciais de sua postura nos seus modos particulares de fazer arte e viver. Ou seja, debruçar-se sobre um projeto poético demanda perceber que este “[...] é um conjunto de comandos éticos e estéticos, ligados a um tempo e um espaço, e com fortes marcas pessoais” (SALLES, 1998, p. 131).

Todos os artistas da trajetória da CMD são responsáveis pela construção do projeto poético, que se encontra inacabado, na medida em que também implicam seus princípios e valores nas obras e, ainda, são atravessados pelas questões semeadas por Ana Flávia Mendes na fundação deste coletivo. Estes princípios foram sendo aos poucos implementados desde os desejos, quimeras, aspirações da matriarca fundadora da companhia, Ana Flavia, e ganhando dimensões ao se entranharem nas peles dos artistas criadores que com ela passaram a inventar novas formas de ser e produzir dança por meio da arte do movimento em companhia.

Inexiste qualquer estrutura hierárquica entre os princípios elencados abaixo porque considero que cada um convoca imediatamente o outro e por vezes não há como pensá-los isoladamente. Não obstante, para facilitar a reflexão propus certo ordenamento a fim de que me permitisse iniciar com aspectos que julgo terem natureza mais macro até aquelas mais micro.

Os princípios apresentados são capazes de abarcar infinitas poéticas de dança produzidas na atualidade, principalmente na linguagem da dança contemporânea. Não creio que sejam exclusivos dos *modus operandi* da CMD. Isso talvez fosse impossível e ingênuo. No entanto, considero ser importante e necessário que estes apontamentos, mesmo como invenções de minha memória dançante adulterada e imaginativa, sejam feitos.

Qualquer corpo pode dançar



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O corpo é lugar de festas porque a celebração da vida no corpo se faz. A vida desdobra no corpo a sua liturgia. Seja o corpo como escultura de carne e osso; seja o corpo como construção do imaginário; seja o corpo como alegoria do cosmos; seja o corpo sacralizado ou divinizado pelo misticismo. É no corpo que acontece a epifania da existência e a maravilha de viver (LOUREIRO, 2015, p. 24)

Uma atitude política, ética, talvez até óbvia. Um dos mais fortes princípios. As condições de surgimento da companhia sempre foram completamente adversas daquelas consideradas “padrões” no universo da dança. O contexto era escolar. Os corpos sem qualquer experiência formal em dança. Na direção do grupo, uma artista em formação nas áreas do balé, jazz e sapateado em uma das escolas mais tradicionais de dança de Belém; e um professor/coordenador de educação física de uma das escolas mais vanguardistas da capital paraense. Como bailarinos, não bailarinos. Jovens, estudantes do ensino médio e futuros egressos de diversos cursos de graduação dentre os quais a formação superior em arte não era opção. Para a afinação deste contexto foi necessária a compreensão e aceitação da diferença. Corpos, diferentes. Corpos diferentes em/para/na dança.

Qualquer coisa pode vir a ser dança

Se todo corpo pode dançar, significa que os padrões de movimentos já legitimados pelos fazedores e fruidores da dança, os quais quase sempre convocam determinados padrões corporais (flexível, ágil, esguio, magro, leve etc etc etc), não serão suficientes para darem conta da multiplicidade de corpos que a humanidade é. Qualquer coisa pode vir a ser dança engaja ainda uma questão pertencente à capacidade criativa do corpo. Não somente criativa, mas também motora. Este princípio promove o rompimento com os padrões de movimentos já reconhecidos (legitimados, aceitos, repassados, engessados, cristalizados) como dança em nossa cultura ocidental e põe o corpo no jogo da liberdade criativa, na qualidade de impulso à criação em dança por meio de qualquer aspecto que seja julgado interessante ao processo, à poética, ao criador. Incorporado ao corpo criador, está a coisa a ser criada. “Dizer que uma dada dança contemporânea não é dança é também dizer que ela não pode vir a ser dança, ou, ainda, que a dança não pode vir a ser *isto*. É uma espécie de legislação sobre o futuro da dança, pois o que faremos se *isto* tornar-se arte?” (ROCHA, 2016, p. 44).

A criação é eminentemente fruto do artista criador. Criador e criação, corpo e dança, não estão separados

Desde que foi fundada, a CMD gradativamente vem amadurecendo seus momentos de inventividade, devaneio, criação. Logo nos anos iniciais as escolhas estéticas constantemente partiam da figura tradicional do coreógrafo (pessoa que cria o movimento/dança), naquele momento, uma das fundadoras do grupo, Ana Flávia. Ana sempre contou que um de seus maiores sonhos era descobrir uma “dança diferente”, nunca dançada, nunca vista. Aos poucos aquilo foi se materializando nas condições geradas pelo processo no tocante à



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

relação da coreógrafa com os próprios bailarinos da companhia. Quanto mais coletiva fosse a criação, mais diversa ela seria. De estímulo a estímulo, processo a processo. Seria muito mais diverso, múltiplo, inusitado, o movimento/dança quanto mais pessoas pudessem pensá-lo(a), experimentá-lo(a), concebê-lo(a), gestá-lo(a).

A técnica da dança não existe a priori, ela é inventada junto à criação da dança.

Junto à formação do artista da dança, colo um termo implícito a isto: a técnica. Voltemos um pouco novamente ao início da fundação da CMD. Como já dito, o primeiro elenco, na sua quase que totalidade, não possuía experiência formal na área da dança. Todas as primeiras poéticas desenvolvidas traziam em seu bojo as estruturas formais e técnicas das vivências da própria coreógrafa, isto é, principalmente o jazz, o sapateado e o balé clássico. As soluções criativas de movimento/dança imprimiam as formas, conteúdos e técnicas destas linguagens. Com o passar do tempo, no fluxo contínuo de desapropriação do poder de criar do coreógrafo, expandido para todos os bailarinos, o encontro do corpo com soluções particulares de movimento estimulou o amadurecimento e invenção de novos, singulares e infinitos procedimentos técnicos em dança. Ora, para toda a criação de movimento/dança está colado um mecanismo de como fazer, uma solução técnica. A técnica instaura na criação a melhor forma de fazer o movimento criado, sendo que ela não vem antes ou depois daquele que a engendra, ela nasce durante.

A dissecação artística do corpo. No processo de criação, o corpo disseca-se artisticamente

Cada corpo possui múltiplas possibilidades de movimento e percebe-se de maneiras diferentes. Para criar, é necessária conexão consigo, assunção de inacabamento, e na medida em que o processo caminha, múltiplos reconhecimentos da transitoriedade de suas possibilidades motoras e criativas. Na dança imanente, ao ato de observação do corpo para a gestação de movimentos singulares a ele em processos de criação chama-se dissecação artística do corpo. É princípio que evidencia o estado de atenção do corpo a si próprio, de escuta, a qual de acordo com o processo criativo proporciona um transbordamento de estados de corpos e pesquisa de movimentos.

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).



Cada processo instaura corpos, procedimentos, técnicas, movimentos e danças diferentes. As respostas não são dadas a priori ao processo de criação. Tudo se dá pela via da experiência, na experimentação

Em se tratando dos processos criativos já vivenciados por mim junto ao grupo, constato que apesar de alguns pontos possuírem semelhanças, todos constroem concepções de corpo, procedimentos metodológicos, técnicas na criação e execução do movimento, movimentos e, por consequência, danças/poéticas diversas. Não existem modelos ou padrões nos processos criativos, até porque se houvesse estaríamos diante da falência do princípio tratado aqui, mas, avançando um pouquinho adiante nesta reflexão, são justamente as diferenças que atraem para a investigação e proposição do projeto poético, o qual sublinha apenas uma atmosfera dos princípios artísticos dos criadores das poéticas, não indo de encontro às perspectivas de independência entre/nos processos de criação. Ao não se saber, a dança imanente está sempre em busca de ser.

O fazer com, em companhia. O individual no coletivo e o coletivo no individual

O fazer coletivo marca a atuação da CMD. Muitos já fomos, já trocamos, já saímos, já entramos...das mais diversas misturas...Muitos rostos já tivemos, mas nunca deixamos de estar em companhia. De estar em arte/dança com. Em companhia instiga-se o trabalho dividido, compartilhado. A cooperação, a conquista mútua pela força do coletivo, do fazer com. Operar em companhia significa, entre outras coisas, estar em relação, em dependência, conectado em rede. Companhia: ato de acompanhar; o que acompanha alguém; reunião de pessoas; grupo de indivíduos que convivem; associação de pessoas ou grupo organizado com um objetivo específico; o que acompanha alguém. A Companhia Moderna de Dança é coletiva, opera a partir do querer funcionar junto, do agregar. Sempre estivemos em coletivo. Construimos processos em colaboração.

A criação de movimentos investe-se da abstração e da transfiguração do gesto

A abstração é uma das características que já nasce junto à criação de movimentos. Ela não é um procedimento. O movimento não “passa” por um mecanismo que vá torná-lo abstrato. Ele já “nasce” abstrato. A abstração é intrínseca ao processo criativo, faz parte da natureza dele. No âmbito de sua nascente, todos os movimentos/danças inserem-se no contexto da abstração, são abstratos, isto é, suas formas não estão previamente dadas, não estão pré-estabelecidas como padrões de movimentos ou de repertórios reconhecíveis culturalmente como dança. No âmbito da fruição, os movimentos são abstrações por não engendram representações literais das coisas já dadas no mundo.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Ao tomar como ponto de referência esta primeira sugestão de princípios, entendo cada um deles como motrizes de todas as poéticas desenvolvidas pela Companhia Moderna de Dança ao longo de sua trajetória artística, e é por esse motivo que proponho pertencerem ao projeto poético do grupo, acreditando que têm servido como espécie de estímulos às tessituras dos processos de criação por meio dos procedimentos descobertos dentro do labor dos processos, e vêm se refinando pouco a pouco e desenvolvendo novas camadas para processos de pesquisa e criação na área da dança dentro e fora do contexto artístico da CMD.

Palavras-Chave: princípios; projeto poético; Companhia Moderna de Dança;

Referências bibliográficas:

BONDÍA, Jorge Larrossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In: Revista brasileira de educação. Nº 19, p. 20-28. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LOUREIRO, Joao de Jesus Paes. **O corpo do amor e da poesia** in Repertório, Salvador, nº 25, p.24-28, 2015.2.

ROCHA, Thereza. **O que é dança contemporânea?: uma aprendizagem e um livro de prazeres.** Salvador: Conexões Criativas, 2016.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.